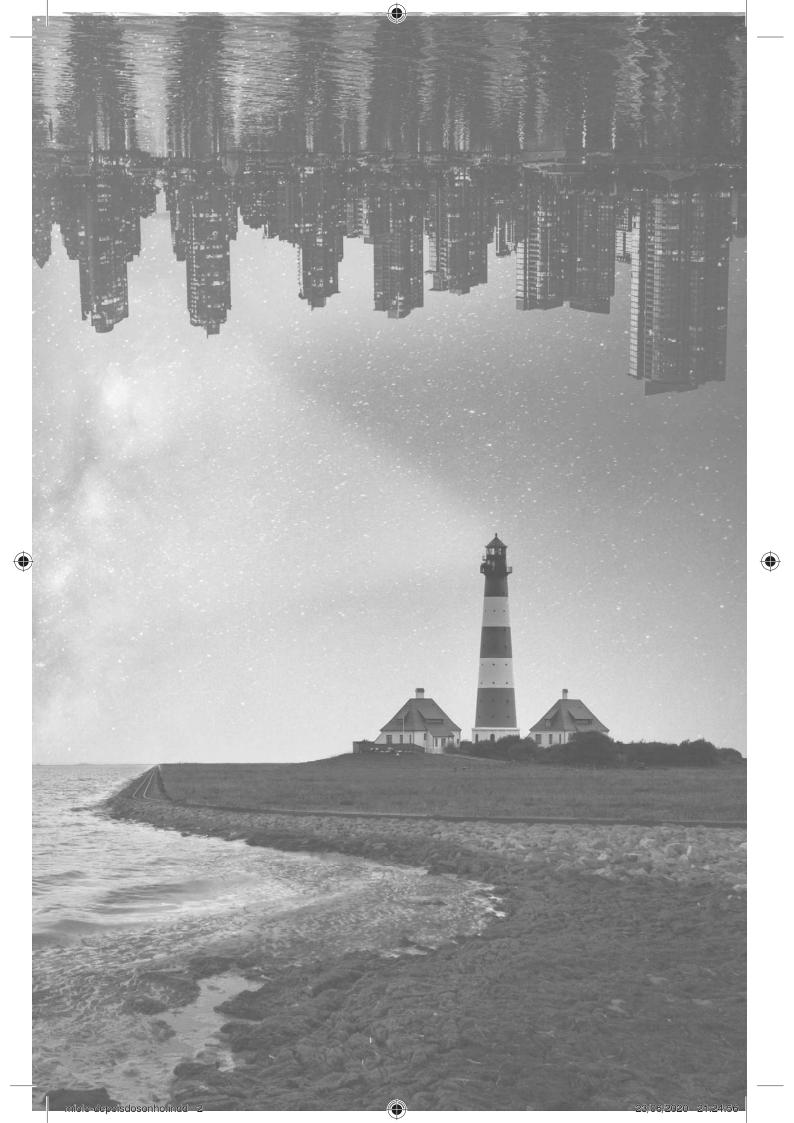


Depois Sonho

André Galvão

Editora Penalux

Guaratinguetá, 2020





AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento especial a Rita Queiroz, Moisés Alves e Ricardo Henrique Andrade, que com sua privilegiada sensibilidade presentearam este livro com belos e generosos textos.

Agradeço também a Edson Oliveira, Eliana Mara Chiossi, Adolfo Rego, Miguel Silva, Eliane Peixoto, Breno Orrico e José Inácio Vieira de Melo pela amizade, apoio e parceria.

Agradeço sempre a minha mãe, Conceição, e a minha esposa, Deise, por serem o esteio das minhas realizações e da minha vida.

In memoriam: Meu pai, Solon Galvão.





A cidade por detrás desta janela esgueira dentro da noite e se transforma por entre as luzes que os postes arremessam ao chão

a cidade acolhe e abriga bons e maus combates enquanto a vida escorre por entre os dedos do tempo

a cidade esnoba sua alma vertical escolhendo novos caminhos em ruas labirínticas recobertas de sonhos e medos

empurrando as pessoas contra si mesmas num espetáculo atônito de desencantos e barulhos

a cidade não adormece mas fecha seus olhos aos crimes de ódio ou ambição que permeiam todo tipo de lar.





A violência nossa de cada dia

A violência habita a cidade, mas não apenas emana das ruas, veículos e sons

Percorre olhares e gestos, penetra nas desilusões e negações, na raiva insana que brota do nada

Cristaliza-se no constante descaso diante da fome e sede inocente dos animais esquecidos nas sarjetas

Avoluma os medos, desgasta os sonhos em meio aos tiros, transes e tombos que cruzam nosso silêncio covarde

Somos o motor insano de sua verve enquanto torpes conveniências cegam nossos olhos aos que sofrem diariamente

A violência habita a cidade numa simbiose cínica e crescente e se alimenta de nossa omissão.







Enxurrada

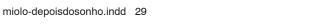
A chuva lava a cidade, encharca suas veias e leva de torrente a sujeira deixada pra trás

Mas a água que limpa é também a que molha e inunda de angústia e frio quem vive nas ruas

E nem a tempestade é capaz de irrigar o coração de quem tem teto e calor

Não basta a chuva Não basta a pena Quando falta humanidade.







Lenda urbana

A cidade inscreve em nós o seu irônico epitáfio: tiros, muros, asfalto

O que criamos sem medo se volta contra nós embebido em pavor

E a cidade, senhora das ruas, molda com sangue a sombra fria das almas

Enquanto o silêncio habita furtivamente os gélidos esgotos ao léu

A cidade, absorta, ainda vive. E nós?







Meditação

(Para Mailson Furtado)

Cada esquina é um latifúndio de vidas entrecruzadas ao acaso

Nada escapa à aleatória combinação de encontros

A cidade, falsamente alheia, regurgita nossos futuros

No frenético mapa de suas ruas validamos os ciclos que se fecham

E estamos sempre a esperar que o sinal não feche diante de nós

Enquanto o tempo, arisco, se esvai na poeira que corta as avenidas.







O trôpego

Dentro dos seus trapos, cambaleante e ignorado, passeia o trôpego por entre as avenidas

Mas o trôpego não liga, seu mundo é enorme, diversão rara e rasa, fantasia em latas de lixo

E passam os carros, cães desterrados compartilham do abandono e lambem suas feridas

Mas o trôpego não liga, nem entende que ninguém liga, e ainda assim se arrisca a sonhar

Sua morada é a rua, lar sem teto por onde o frio congela seu destino





LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em ITC New Baskerville Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white $80~{\rm g/m^2}$, em junho de 2020.



